



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
≡ RITA ≡



Por ZAIDA ■ ■ ■ Desenhos de A. Castañé

**N**O pombal havia uma grande algazarra, produzida pelo «trru-ru» dos pombos que há muito o habitavam, ao verem entrar para o seu compartimento um novo casal, de pequena corpulência, tão pequena que mais parecia um par de rôlas, duma côr amarelada, a cabeça muito redonda, o bico pequeno e os olhos côr de pérola.

Os novos habitantes do pombal ficaram fechados numa gaiola.

até se acostumarem, não fôsssem eles fugir!

Então, subiu de ponto a admiração dos que lá estavam! O quê?! Aqueles insignificantes ficavam à parte? Não se podiam juntar com eles?!

Nunca se vira um desacato assim, no pombal!!!

E, então, muito provocantes, recomeçaram o seu «trru-ru», cheios de arrogância, em volta da pequena gaiola.

Se eles os pudessem apanhar cá fóra, lhes mostrariam que ali

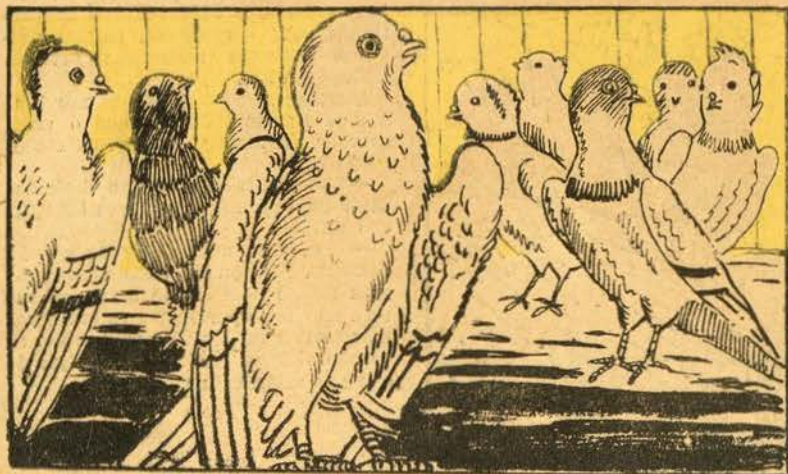


não se queriam fidalgos, e, demais a mais, uns intrusos, que, certamente, não tinham valor algum.

Então um pombo, o mais velho, disse:

— Meus amigos, escutem. Nós não podemos condenar êsses pequeninos, sem vermos o que eles fazem.

«Há dias, estava eu aqui a descansar e ouvi dizer ao nosso dono que já tinha arranjado um casal de «Cambalhotas», mas que era preciso tê-los isolados, para não se estragar a raça, misturando-os connosco.



(Continua na página 8)



# O sonho de Titó

Por BERTA SOBRAL

Desenhos de A. CASTAÑÉ

**E**RA pelo Natal. A família de Titó armara uma linda árvore, com numerosos e bonitos brinquedos, para festejar aquela grande festa familiar.

Como ela estava bela, com as pequeninas lâmpadas eléctricas de variadas cores que brilham, outras tantas estrelas, por entre os ramos verde-negros, carregados de pesados e estranhos frutos; com os fulgurantes ornamentos próprios desta cerimónia e os bocadinhos de algodão em rama, que simbolizam flocos de neve e se assemelham a farrapinhos de nuvens que o pai Natal deixara cair quando ao descer do céu veio nela colocar os brinquedos.

A mamã de Titó tentava arrancá-lo á contemplação de tanta maravilha, procurando, de mansinho e com palavras amigas, levá-lo para o seu quarto.

— Meu filhinho querido, vem fazer «ó-ó»; são horas, meu amor...

— O' mamázinha, é só mais um instante. Olhe, diga-me uma coisa... isto tudo : para mim?! Aquele automóvel com motor? E o cavalo grande? O urso que dança? E os dois pugilistas que se batem ao «box»? O carro eléctrico, e tudo o mais? Estas perguntas fazia-as o meu amiguinho, com um pouco de ansiedade na sua fina voz, enquanto seguia a sua mamã, e esta o despia e preparava para passar uma boa noite. Titó adormeceu. Sobre os seus olhinhos deslumbrados por tantos encantos, cerraram-se as aveludadas cortinas das suas pequenas pálpebras.

Titó sonhou:

Fôra no seu automóvel, sem dizer nada á mamã, dar um longo passeio. Como ele estava contente, vendo correr, veloz, o seu carrinho, por meio

de belas estradas que se abriam, como por encanto, na sua frente, orladas de frondosas árvores carregadas umas de aromáticas flores e outras de apetitosos e saborosos frutos.

Mas como? Titó andou tanto que já não sabe onde está. Não compreende porque, a fugir diante dele, correm muitos pretinhos. O que se passaria?

Titó tem medo; lembram-lhe as histórias que a sua avózinha lhe lêra no «Pim-Pam-Pum» e que se referiam ao preto Papusse. São todos tão pretinhos! Ai! que arrepios sente, quando algum, ao rir-se para ele, lhe mostra aquela fileira de dentes tão branquinhos, que lhe fazem lembrar os do lobo da história da menina do chapélio vermelho.

Titó quer fazer parar o seu carro e não pode; ele corre... corre sempre.

Oh! mas é na sua corneta que eles tocam e o seu urso que fazem dançar!!!

Ai, o seu lindo cavalo, que também levam! Foram tirar-lhe todos os brinquedos! E como se riem dele! Titó não pode deixar, assim, apoderarem-se do que lhe pertence sem se defender. Aqueles pretinhos merecem castigo, e severo!

Perdeu o medo. O seu pézinho car-



rega no acelerador e o lindo automóvel parece voar, pela lisa e interminável estrada, tal a velocidade. Enfim, está quasi a agarrá-los, um pouco admirado, talvez, de ainda o não ter feito, correndo eles a pé.

Ai! Agarraram-no pelo pescoço. Volta-se a custo e vê-se rodeado de pretinhos, que, certamente, caíram da guma daquelas numerosas árvores. Trava-se luta...

Entretanto, Titó debate-se nos braços da sua mamázinha, que o viera acordar, de manhã, com o seu costumeado beijo.

— Sabe, mãezinha, venci o chefe dos pretinhos que me tiraram os brinquedos novos!

— Sim, meu amor — diz-lhe a mãe, sorrindo. Eles já os vieram restituir. Mas fizeste bem em te bater em defesa do que te pertence e os pretinhos cometeriam uma muito feia acção, se te não viessem restituir os bonitos de que se apoderaram sem direito.



■ FIM ■

# Os pardais

Por ALEXANDRE GAMA

Desenho de A. CASTANÉ

Muito de leve, mansinho,  
Num piar triste, cansado...  
Adivinho os pardalitos  
No beiral do meu telhado...

Como quem pede uma esmola,  
— As migalhas do pão...  
Sem bordão e sem sacola,  
Os pòbrezinhos lá estão...

Se acaso tarda a merenda,  
Não julgueis vê-los partir...  
Antes redobram na faina,  
Sempre a pedir... a pedir!...

A mesa está sempre posta...  
A's vezes com mais cuidado,  
Se a neve estende a toalha  
Por de cima do telhado!...



Como me sinto contente  
Protegendo os passarinhos...  
E' feio tratá-los mal...  
Pior, roubá-los dos ninhos!...

# A Pequenita Ambulante

Por PILAR DA CONCEIÇÃO COVAS GARCIA

Desenho de A. CASTANÉ

Ei-la... Olhai! Como é bonita  
A pequenita  
Ambulante  
Dez anitos tem sómente;  
Pobre inocente  
De sorrizinho constante.

Seu rostozinho  
De anjinho,  
É muito alvo e rosado  
E o seu cabelo,  
Tão belo,  
É todo encaracolado.

Que lindo o seu olhar  
De ternura sem igual,  
Olhar meigo e maguado!...  
Olhos negros e expressivos,  
Animados, muito vivos,  
Dum sorriso que é seu Fado.

É sua sina,  
De pequenita  
Ter de sofrer!  
Mas, sempre rindo,  
Seu riso lindo,  
Dá gosto vêr!

De «maillot» côr de rosa,  
A formosa  
Equilibrista

Faz o público sorrir,  
Mostrando vir,  
Inda, a ser célebre artista.

Depois, vestida de branco,  
Cheia de encanto,  
No seu tão lindo alvôr,  
Ei-la a cantar  
E a dansar  
A meiga e terna flôr!



Acompanha o Querubim,  
O toque dum cornetim  
E o som dum velho tambôr.  
A sua voz de harmonia  
É cheia de poesia  
De languidez e amôr!

Quando o baile é terminado,  
De rostozinho corado,  
Cumprimenta, modesta,  
O público encantado,  
Que a aplaude, entusiasmado,  
Em plena festa.

E a criancinha,  
Lourinha,  
Formosa, como os amores,  
Parece um Anjo encantado,  
Rodeado  
De flores!

E as moedas, em chuvinha  
Miudinha  
E constante,  
Caem na salvasita  
Da pequenita  
Ambulante.

# A ARANHA, O ARANHÃO E O ARANHICO

POR HELENA ROLIN



**U**MA Aranha, um Aranhão e um Aranhico foram, uma bela ocasião, fazer uma rica patuscada, todos três, num cantinho do tecto dum celeiro da vizinhança, lá bem no cimo.

Logo que chegaram, trataram de arranjar uma grande teia de aranha, pois, assim, além do abrigo, teriam, ainda, o jantarrinho pronto em menos dum fósforo, pois bem sabiam que não deixariam de lá cair algumas mósca ou mosquitos, que fariam, depois, o seu regalo.

Daí a pouco, a teia estava acabadinha e pronta a servir. Muito escondidos, os três puseram-se à espreita. Primeiro, foi um pequeno e magro mosquitinho que apareceu e, por mal dos seus pecados, se enredou na teia. Ao vê-lo, mestre Aranhão torceu o nariz e, desdenhosamente, disse:

— Céus! Que manjar tão ordinário! Para mim, nem para a cova dum dente!

Contudo, Dona Aranha, que era uma criatura providente,

mesmo assim o arrecadou, dizendo que, se um mosquitinho a ninguém enchia a barriga, uma dúzia deles já não era coisa para desprezar.

Em seguida, mais três ou quatro caíram na teia. Tudo caminhava, pois, pelo melhor. O Aranhão é que continuava a não querer ver as coisas.

— Na verdade — (rabujava) — se só disto nos aparece, mais valia que tivéssemos jantado em casa, pois daqui bem vamos com a barriga vazia!

Mas o seu desejo foi, em breve, satisfeito. Uma gorda, anafada mósca, surgiu, de repente, por ali, voando em caprichosas curvas, voltas e revira-voltas, ao sabor da aragem e a seu bel prazer, descuidada, nem por sonhos pensando ou imaginando o que a esperava.

A princípio, nem sequer reparou na teia, onde os três maraus a namoravam, antegozando já as delícias de tão delicado piteu, mas, depois, bisbilhoteira como era e amiga de tudo dar fé, ao avistar aquela réde tão fininha e bem feita, logo lhe apeteceu saber de que se tratava. Entretanto, pensava:

— Que poderá ser isto? De manhã, não vi aqui nada! Que utilidade poderá ter tal coisa? E se eu fosse ver?

Então, a curiosa mosquinha passou mais perto, voou, depois, já à roda, sempre aproximando-se mais, e, quando estava já bem próximo, meteu, com cuidado, a cabecinha na teia, em seguida uma asa, e assim sucessivamente, até que — pobre dela! — lá ficou emaranhada, enovelada, enrolada, sem poder salvar-se, por mais esforços que fizesse.



Logo que isto sucedeu, Dona Aranha e os companheiros apareceram, radiantes.

Cheiraram a misera, apalpam-na e, de mão dadas, começaram uma dança, à volta da desgraadinha, cantando, ao mesmo tempo, em cântico:

*Rica mosquinha,  
Rica mosquinha,  
Para a barriguinha!  
Para a barriguinha!*

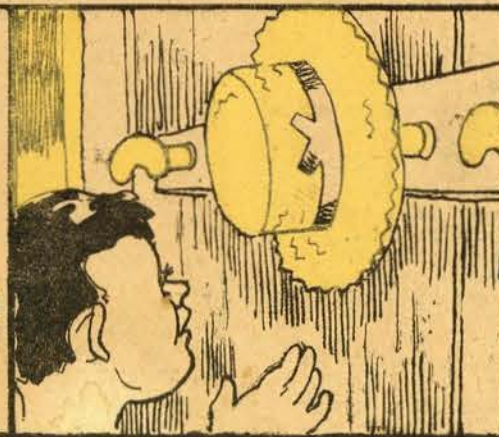
Quem não tinha a mesma alegria nem sequer uma parecida, era a pobre da mósca, que maldizia a sua triste sorte, a sua grande coscovilhice, afinal, pois não fora ela e nada lhe teria acontecido de desagradável. E lamentava-se amargamente:

— Ai! que desgraçada sou! Para que havia eu de que-

## EFEITO PIROTÉCNICO



O senhor José Calado, um vendedor de foguetes, tem um filho endiabrado, que é o rei dos diabretes.



Em casa ao ver pendurado o «palhinhas» do seu pai, o maldito endiabrado grossa partida armar vai.



Da loja traz um foguete, pranta-lhe em cima o chapén, e, às ocultas, o diabrete, tenta fazê-lo ir ao céu.



Mãos á obra! Dito e feito... Largando fôgo ao foguete, fica o contemplar o efeito, o nosso grande diabrete.



Mas contando presenciar um foguetório de estrêlas, não as contempla no ar, porém, não deixa de vê-las!



# A NOSSA FADA...

POR MIMI GRANDELLA

(DA SÉRIE O)

Nós temos uma fada que nos guia,  
com ternura e amor, p'la vida fóra;  
que vive a nosso lado, de hora a hora,  
e nos vela de noite e todo o dia.

Não é ideia vã, nem fantasia;  
mas a fada, se vê que a gente chora,  
corre apressada, aflita, muito embora  
dessa sua piéguice qualquer ria.

Tem, p'ra cada menino, os seus encantos  
e todos a deviam adorar  
porque nem só no céu existem santos!

Essa fada, que dentro de nós tem  
erguido um grandioso e doce altar,  
é muito simplesmente...:—a nossa Mãe!

rer saber o que estava nesta maldita rede? Quem me há de valer, agora? Ai! O que vai ser de mim!

Desesperada, bem dava esticões á teia. mas esta ainda mais a embulhava, se possível fósse.

Ninguém valeria á feliz! Dentro em breve, só a sua carcassa restaria, rejeitada, talvez, pelos gulosos. por ser demasiado dura.

E o regafofe começou para os três. A mosca agradou-lhes em extremo e os mosquitos foram pela mesma...

A seguir, que lhes havia de lembrar? Organizar um salsifré! E eles aí vão, pelas proximidades, convidar outros companheiros e vizinhos, e, all mesmo, arranjaram, logo, uma festa rija, que a todos muitíssimo divertiu e entusiasmou.

Quem depressa se aborreceu foi o Aranhão, por ver a triste figura que andava a fazer, com o seu pé de dansa, desajeitado e grandalhão como era.

Assim, muito manhoso, lembrou á assistência nova distracção, pelo que foi logo muito aplaudido. Esse divertimento novo, consistia em ver quem seria capaz de atingir, primeiro e no mais curto espaço de tempo, correndo, uma certa e determinada distância. Uma salva de palmas coroou esta lembrança.

Ninguém reparava que o espertalhão o que queria era fazer-se admirar pela assembléa feminina, certo de que ninguém levaria a palma ás suas tremendíssimas pernas, que, de tamanhas que eram, fácilmente atingiriam a meta desejada, antes mesmo que os outros pudessem dizer: água-vai!

Mas o Aranhão percebeu toda a marosca, e ia perdendo a cabeça totalmente, porque, gostando, apaixonadamente, da Aranha, de modo nenhum queria ver o outro dar nas vistas, e suplantá-lo. Contudo, não desanimou.

Armou-se de toda a sua coragem e perseverança, e, quando se ouviu o sinal da partida, desesperadamente desatou, também, a correr, como um possesso, quando Deus quere, talvez muito convencido de que assim não deixaria de ser éle o vencedor.

Pobre tólo!

Está bem de ver que, passados momentos, já mal se

tinha de pé, estafadíssimo, a deitar os bofes pela boca fóra, dando já ao diabo a triste idéa que tivera de se fazer notado.

Por pouca sorte, ainda e sempre com a mania de alcançar o outro, escorregou em qualquer erva ou pedra do caminho e aí vai para o meio do chão, atordoado «plantar uma figueira», como se costuma dizer.

Vaidoso, como era, mesmo assim não queria dar parte de fraco, e dispunha-se, muito lampeiro, a levantar-se, sem querer que o ajudassem, mas teve de capitular, embora bem contra a sua vontade, porque por mais esforços que fizesse, não conseguiu pôr-se de pé, tais as dores que sentiu numa das pernas, certamente por ter lá torcido ou quebrado qualquer coisa.

Ai! Ai! Ai! Ai! — gemia éle. Que desgraça! Partiu uma perna com certeza. Que há-de de ser de mim, agora?! Quem me mandou querer mostrar o que não era! Fui bem castigado e estou bem arrependido, estou!

E os lamentos e as lamúrias continuavam, mas isso de nada lhe valia agora!

Entretanto, a corrida findava, ficando vencedor o Aranhão, como todos podem calcular.

Dona Aranha, muito tóla e desvanecida, foi logo felicitá-lo muito, oferecendo-lhe, ainda, como prova de admiração e estima, um enorme ramo de flores.

Para o desgraçado do Aranhão é que nem um olhar de compaixão ela teve, o que ainda mais encheu éste de raiva e de ciúmes e o fez murmurar, despeitado, embora estivesse cheio de dores:

— E por causa desta delambida me puz eu neste miserável estado! Sempre fui muito parvo! Também, pouco me incomodam já ambos. Que se casem, se têm vontade! Deixá-lo!

E conforme pôde, muito a custo, lá se foi embora, coxeando, não sem deitar ainda um olhar de revés aos dois causadores involuntários da sua desdita, que, enlevadamente, estavam a conversar e nem sequer deram pela sua partida...

... Afinal, éle merecera bem o castigo! Quem o tinha mandado ser toleirão?

# Qual a coisa, qual é ela?... PARA OS MENINOS COLORIREM

I

Bem fácil esta adivinha:  
— Como poucas sou doceira,  
se não sou mestra ou rainha,  
sou, com certeza, uma obreira.

II

Sou cofre, guardo dinheiro  
ou sou animal e, emfim,  
quando caio do tinteiro,  
fico com um o no fim.

III

Sou bem fácil adivinha...  
vivo em cima dos telhados  
ou dentro da cabecinha  
dos meninos estouvados.

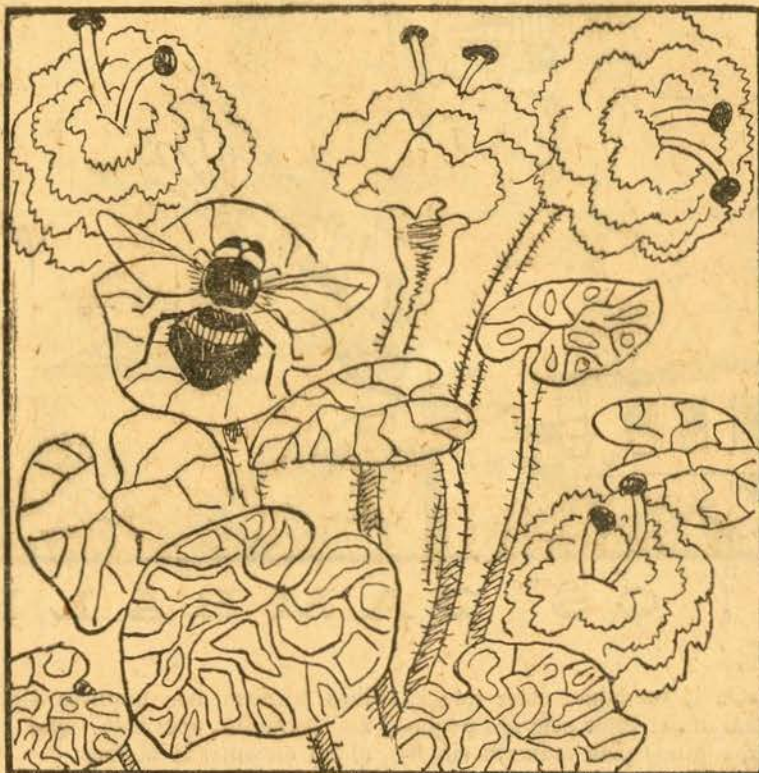
IV

Sou enfeite valioso  
de senhoras ou peixeiras;  
mas meu nome é mentiroso,  
não gosto de brincadeiras.

Solução das anteriores

1 — Trem

2 — Madeira



## ADIVINHA



Meus meninos: Vejam se descobrem quem bateu as palmas, chamando este guarda-nocturno.

### 3.º Concurso mensal de Poesias e Contos Infantis

#### AVISO

Em virtude de haver sido prorrogado o prazo de encerramento deste nosso concurso, para o dia 5, só no próximo número publicaremos os nomes dos premiados e as respectivas produções no número seguinte.

**Observação:** — Os concorrentes com direito à publicação dos seus retratos, que ainda os não tenham enviado, podem remetê-los até ao dia 20, em virtude de ser este o último concurso literário desta série. Findo este prazo, não terão direito a reclamações neste sentido.

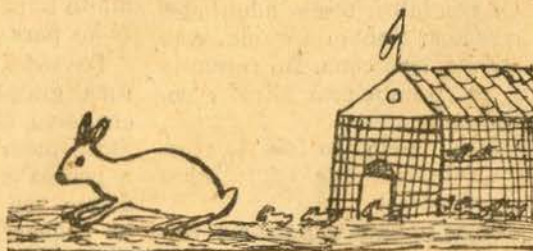
#### BREVEMENTE

Novo e sensacional concurso de adivinhas e charadas

### COLABORAÇÃO INFANTIL



Desenho do menino Julio Artur da Silva Pomer, de 7 anos de idade



Desenho do menino Fernando Marques Costa, de 11 anos de idade  
Rua do Seculo, 37, r/c., D.



## OS CAMBALHOTAS

(Continuação da página 1)

«Ouvi, também, dizer que tinham muito valor pela sua pequenez, e ainda pela maneira singular como vôam, pois parece que começam às cambalhotas no ar, acontecendo, muitas vezes, partirem a cabeça de encontro às paredes, tão cegos vão nas suas voltas.

«Julgo que criam como nós, e, se assim fôr, não temos o direito de os incomodar, mas sim de nos afeiçoarmos a eles, pois bem basta estarem ali fechados, sem poderem, como nós, ir por esses campos fora, á procura de gulodices, que tão bem nos sabem; respirar o ar perfumado pelas flores campestres e aquecer-se ao sol, nos dias bonitos de inverno.

Sigamos a nossa vida e deixemo-los em paz. Todos seguiram o conselho do velho companheiro e, daí a pouco, já se encontrava no pombal o novo casal.

Os pombitos, muito admirados e receosos, tinham seguido, com interesse, esta cena. Ao verem-se sós, respiraram com alívio e comentaram:

— Que modo tão feio de receber hóspedes; que criaturinhas tão agressivas!

Nunca tinham sido tão mal tratados!

Passaram-se dias, e os nossos pombos já olhavam os novos com mais amizade, e, até, às vezes,

lhes traziam nos biquitos alguma semente apetitosa, que tinham encontrado lá fora.

Um dia, a pombita não saiu da caixita onde dormiam, enquanto o pombo trazia no bico, para a mesma, palhinhas que o dono lhe tinha posto na gaiola. Ia e vinha, muito orgulhoso e satisfeito com a sua ocupação; entregava á companheira os bocaditos de feno, e esta, por sua vez, ia-os ajeitando em volta dela.

Durou esta azáfama uns três ou quatro dias. O ninho estava pronto; mas a pomba continuava lá, só saindo para comer e beber.

Enquanto ela saía, ia o companheiro substituí-la. Assim se passaram 18 dias. Findos eles, todos os habitantes do pombal viram a pomba afastar com o bico as cascas dos ovitos e o pombo, muito importante, tomá-las e atirá-las para o fundo da caixa.

De todos os lados se levantou uma grande algazarra; sempre era certo, eles também tinham filhos, quem tal pensaria! Então, a pomba afastou-se e todos puderam ver dois borrachitos muito pequeninos, como nunca tinham visto. Que formosos eram! Ajudá-los-iam a criar! Dar-lhes-iam todos os mimos que encontrassem. Assim foi; os pequeni-

nos depressa cresceram e atingiram o tamanho dos pais.

O dono, quando lhe pareceu, abriu-lhes a porta, e, então, houve grande borborinho no pombal.

O mais velho tomou a palavra e, dirigindo-se aos seus novos companheiros, deu-lhes os parabéns, por já poderem voar livremente, pedindo-lhes desculpa da sua incorrecção e rogou-lhes que voassem, para verem as cambalhotas que eles davam no ar.

Muito contentes, os nossos «Cambalhotas» tudo esqueceram nêsse momento, e, durante alguns minutos, deliciaram os companheiros com a sua acrobacia. Davam voltas sobre voltas, até quasi tocarem no tecto do pombal; depois, erguiam vôo e deixavam-se cair, parecendo que estavam mortos, tornando a endireitar-se, para recommear as cambalhotas.

Foi um delírio, quando pousaram; todos os rodearam e olharam com respeito. Daí por diante, não havia casal mais querido e viveram todos em boa harmonia.

Tirai, meus amiguinhos, a moralidade desta pequena história. Sei que a compreenderam e hão-de aproveitá-la.

■ F I M ■